

# O vínculo mãe-bebê da gestação ao pós-parto: uma revisão sistemática de artigos empíricos publicados na língua portuguesa

The bond mother-baby from pregnancy to postpartum: a systematic review of empirical articles published in portuguese

Rafaela Paula Marciano<sup>1</sup>  
Waldemar Naves do Amaral<sup>2</sup>

## Palavras-chave

Gravidez  
Relações materno-fetais  
Relações mãe-filho

## Keywords

Pregnancy  
Maternal-fetal relations  
Mother-child relations

## Resumo

O vínculo, definido como uma relação afetiva singular e duradoura, representa uma base importante para o desenvolvimento da criança, pois é no estabelecimento dos primeiros laços da criança com sua mãe que se produzem os alicerces da vida psíquica e da saúde mental. O objetivo desta revisão foi levantar os estudos empíricos sobre a formação do vínculo mãe-bebê desde a gestação ao pós-parto. Foram encontradas produções científicas publicadas entre 1984 a 2014 nas bases de dados indexadas na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS). Para o levantamento bibliográfico foram utilizados os descritores “relação mãe-filho” e “relação materno-fetal”. Foram encontrados 887 publicações científicas e, após aplicados os critérios de inclusão e exclusão, restaram 22 artigos que foram analisados na íntegra. Dentre os temas investigados, destacam-se: desejo de ser mãe; vínculo materno-fetal; gravidez e sentimentos ambivalentes; contato físico e precoce; rede de apoio; amamentação e vínculo; investimento afetivo; ansiedade de separação; nascimento em situações adversas e; parto e assistência humanizada. Considera-se que os aspectos identificados sugerem uma reflexão das medidas intervencionistas que separam mãe e recém-nascido no pós-parto imediato, visto que esse primeiro contato é crucial para o desenvolvimento do vínculo mãe-filho.

## Abstract

The bond, defined as a natural and lasting loving relationship, is an important basis for the child development because it is in the establishment of the first baby's ties to his mother where the foundations of psychic life and child mental health are created. The purpose of this study is identifying the empirical studies on the formation of the mother-baby bond, from pregnancy to postpartum. There were found in the scientific databases studies published between 1984-2014 indexed in Virtual Health Library (VHL). The descriptor used was “mother-child relation” and “maternal-fetal relation”. There were found 887 scientific papers and, after filter of inclusion and exclusion criteria, 22 remaining articles were fully analyzed. From among the research topics are pointed out: desire to be a mother; maternal-fetal attachment; pregnancy and ambivalent feelings; physical and early contact; network support; breastfeeding and bonding; affective investment; separation anxiety, birth in adverses situations and; childbirth and human assistance. The studies suggests a reflection of interventionist measures that separate mother and baby immediately after birth, since that first contact is crucial to the development of the mother-child bond.

<sup>1</sup>Pós-graduanda em Ciências da Saúde da Universidade Federal de Goiás (UFG) – Goiânia (GO); Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC/Campinas) – Campinas (SP), Brasil.

<sup>2</sup>Doutor em Doenças Infecciosas pela UFG; Professor adjunto chefe do Departamento de Ginecologia e Obstetrícia do Hospital das Clínicas da UFG – Goiânia (GO), Brasil.

Endereço para correspondência: Rafaela Paula Marciano – Avenida T5, 1249, Apto. 202-A – Setor Bueno – CEP: 74230-045 – Goiânia (GO), Brasil – E-mail: ra\_fa\_e\_la@yahoo.com.br.

Conflito de interesses: não há.

## Introdução

A psicanálise sempre reconheceu a importância das primeiras relações na vida do bebê como a base para o seu desenvolvimento. Freud afirma que a criança em seu primeiro ano de vida é indefesa e incapaz de sobreviver, contando apenas com os seus próprios recursos. O desenvolvimento da criança não opera por simples automatismo biológico, tal como ocorre com outros mamíferos<sup>1</sup> (D).

O neonato nasce totalmente à mercê de suas necessidades fisiológicas, sem recursos suficientes para determinar como elas poderiam ser satisfeitas. Geralmente, a mãe é a figura que provê a satisfação de todas as necessidades do neonato. Na medida em que as potencialidades da criança se desenvolvem, ela se torna mais independente em relação ao seu ambiente. Esse primeiro vínculo não abrange apenas a satisfação das necessidades vitais, mas também a satisfação das necessidades afetivas do neonato, ou seja, o calor humano, o carinho, a compreensão da linguagem corporal do bebê para atender as suas necessidades<sup>2</sup> (D).

Winnicott<sup>3</sup> (D), pediatra e psicanalista inglês, afirma que um bebê não existe sozinho, pois aquele que tenta descrevê-lo logo descobrirá que está descrevendo um bebê e mais alguém. O autor destaca que o desenvolvimento emocional da criança, no início, só pode ser consolidado com base nas relações com uma pessoa que, idealmente, deveria ser a mãe. O vínculo, definido como uma relação afetiva singular e duradoura, entre mãe e filho é condição sine qua non para que as crianças se transformem em adultos saudáveis e independentes.

Nesse sentido, muitos estudos se voltaram para compreender o estabelecimento dos primeiros laços da criança pequena com sua mãe, pois é nesse momento que produzem os alicerces da vida psíquica e da saúde mental. Para ampliar a discussão sobre essa temática, é relevante a análise de outros estudos que contribuem com a área da primeira infância. Neste trabalho, foi realizada uma análise sistemática com o objetivo de levantar os artigos empíricos sobre a formação do vínculo mãe-bebê desde a gestação ao pós-parto e sua contribuição para o desenvolvimento da saúde mental da criança.

## Metodologia

Foram encontradas produções científicas publicadas entre 1984 a 2014 nas seguintes bases de dados: SciELO, PePsic, IndexPsi, LILACS, IBECs, MedLine, todas elas indexadas na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS). Para o levantamento bibliográfico, foram utilizados os descritores “relação mãe-filho” e “relação materno-fetal”. As produções incluídas nesta revisão obedeceram os seguintes critérios de inclusão: trabalhos publicados em português; pesquisas empíricas; participantes mulheres gestantes ou no período puerperal com

filhos de até seis meses de idade. O critério de exclusão utilizado foi o de publicações distantes do tema. Excluíram-se artigos de revisão bibliográfica, revisão sistemática, trabalhos duplicados e relacionados a temáticas distantes, tais como: HIV, anorexia, câncer, asma, desnutrição infantil, atividades educativas com gestantes e puérperas, violência sexual e maus-tratos.

Com base nos descritores, foram encontrados 887 trabalhos científicos. A seleção inicial dos artigos foi realizada com base nos seus títulos e resumos e, quando preenchiam pelo menos um dos critérios de inclusão, buscou-se o texto completo.

## Resultados

Ao final da revisão, foram selecionados 22 artigos científicos. Quanto aos tipos de pesquisa encontrados nos artigos avaliados, evidenciou-se diversas pesquisas descritivas, exploratórias e algumas pesquisas experimentais. Entre as técnicas utilizadas, encontraram-se observação, questionário, entrevista e história de vida. Na análise dos dados, as temáticas encontradas foram: desejo de ser mãe; vínculo materno-fetal; gravidez e sentimentos ambivalentes; parto e assistência humanizada; contato físico e precoce; rede de apoio; amamentação e vínculo; investimento afetivo; ansiedade de separação; nascimento em situações adversas; parto e assistência humanizada.

### Desejo de ser mãe

Em um estudo com 14 mulheres com idades de 15 e 44 anos, observou-se que o desejo de ter filho estava relacionado com o reconhecimento da própria finitude, desejando aos filhos o sucesso e realização que elas, muitas vezes, não tiveram. Neste estudo, o bebê apareceu como um projeto de continuação narcísica<sup>4</sup> (C).

### Vínculo materno-fetal

Em um estudo, foi observado que as gestantes sentem necessidade de construir uma relação com o bebê durante a gravidez. Esse vínculo é chamado de materno-fetal. Comportamentos como imaginar, interagir, acreditar e preocupar-se revelam a existência de um vínculo com o feto, que permite a mulher nomeá-lo e torná-lo mais real<sup>5</sup> (C).

### Gravidez e sentimentos ambivalentes

Em uma pesquisa com 39 gestantes primíparas, mostrou-se que as gestantes vivenciam intensos sentimentos em relação ao tornar-se mãe e que o processo de constituição da maternidade está em franco desenvolvimento, assim como o próprio exercício ativo do papel materno. As participantes salientaram a intensificação dos sentimentos durante a gestação, como por exemplo, a sensibilidade exacerbada<sup>6</sup> (C).

Durante a gravidez, as mulheres experimentam muitos sentimentos ambivalentes em torno da experiência da maternidade. Ao mesmo tempo em que se sentem felizes com os seus bebês, é comum sentirem também ansiedade e exaustão<sup>7</sup> (C).

Os sentimentos ambivalentes durante a gravidez estão presentes em diversas pesquisas. Em um estudo descritivo com 5 mães, revelou-se que, ao saberem que estavam grávidas, as gestantes sentiram muita satisfação e, ao mesmo tempo, se sentiram assustadas, pois não esperavam vivenciar sentimentos depressivos, fobias e ansiedades que envolvem a notícia da chegada do filho. Notou-se também que a falta de apoio do companheiro intensificou os sentimentos negativos durante a gravidez<sup>8</sup> (C).

### Contato físico e precoce

Em um estudo com puérperas, evidenciou-se que o recebimento da criança é um momento importante e crucial porque propicia o reconhecimento entre mãe e filho e estimula os sistemas sensoriais do bebê. Ao verem o filho pela primeira vez, as mães sentem vontade de tocá-lo, e, ao se sentirem acariciados, os bebês se acalmam e começam a perceber com tranquilidade o novo mundo<sup>9</sup> (C).

Outro estudo<sup>10</sup> (B) apontou a importância do contato físico para formação do vínculo entre mãe e bebê. Observou-se também que as manifestações corporais, visuais, vocais e faciais são fundamentais no processo interativo mãe-filho. É por meio dessas modalidades de contato que o bebê e sua mãe estabelecem os vínculos afetivos.

### Rede de apoio

Estudos apontam a importância da rede social no período do pós-parto para auxiliar as mães a exercerem sua função materna, dedicando-se ao recém-nascido e não as outras tarefas<sup>11</sup> (C). Observou-se que o apoio dos familiares e do companheiro são fatores facilitadores do vínculo da mãe com o bebê<sup>12</sup> (C). Em um estudo sobre responsividade materna em famílias de mães solteiras e familiares nucleares, evidenciou-se que as mães solteiras são menos responsivas que as mães casadas frente à vocalização e choro do bebê, indicando que as mães solteiras podem sofrer mais estresse quando precisam suprir sozinhas às demandas do bebê, o que pode ter implicações no vínculo entre eles<sup>13</sup> (B).

Em um estudo com mães adolescentes, observou-se que a presença da rede de apoio auxilia que a adolescente assuma seu papel de mãe e se dedique ao filho<sup>14</sup> (C). Além do apoio familiar, a estabilidade financeira também é um dos fatores que influencia os estados emocionais maternos<sup>15</sup> (C).

Estudos apontaram que quanto mais a mãe for amparada afetivamente pelo ambiente social mais é capaz de realizar as necessidades da criança. Além disso, o apoio social funciona como protetor de sintomas depressivos maternos<sup>16,17</sup> (B,C).

### Amamentação e vínculo

Em um estudo com 4 díades, observou-se que o desmame precoce estava associado à dificuldade na construção da maternidade e vínculo. A amamentação é um momento privilegiado para interação entre mãe e bebê e é fundamental para o processo de constituição psíquica do bebê<sup>18</sup> (C).

### Investimento afetivo

Um estudo demonstrou que percepção positiva que a mãe tem sobre seu filho recém-nascido é uma dos fundamentos para alicerçar uma boa relação entre mãe e bebê. Observou-se também que as mães que tem uma imagem negativa de si mesmas projetam em seus filhos e tem dificuldade em acreditar que deu à luz algo de valor<sup>19</sup> (B).

### Ansiedade de separação

Um estudo com 47 puérperas analisou a ansiedade de separação materna. Observou-se que as mães expressavam um envolvimento emocional intenso com os seus filhos, ao expressarem o desejo de não querer se separar e desejo de manter-se junto, sentindo falta do filho, quando fisicamente separados<sup>20</sup> (B).

### Nascimento em situações adversas

Estudos sobre nascimentos diferentes, como prematuridade e necessidade cirúrgica neonatal, apontam para a necessidade de estratégias para aproximar a mãe de seu filho, facilitando o desenvolvimento da maternagem. Os efeitos do afastamento materno, tais como rejeição e maus-tratos, podem ser minimizados quando a equipe apoia o desempenho de uma maternagem suficientemente boa<sup>21</sup> (C).

Em um estudo sobre a presença da mãe durante a hospitalização do bebê e sua participação nos cuidados com ele, ficaram evidenciados sentimentos de segurança e tranquilidade da mãe para com o filho, suscitando o aparecimento de sentimentos positivos como alegria e satisfação por poder cuidar de sua cria<sup>22</sup> (C).

### Parto e assistência humanizada

Diversos estudos apontam a importância da assistência humanizada a gestante para formação do vínculo com o recém-nascido. Observou-se que a assistência humanizada é percebida de maneira positiva para as mulheres e favorece a aproximação precoce com o neonato. A maneira como o recém-nascido vem ao mundo terá implicações diretas na efetividade do vínculo com sua mãe. Esse momento inicial de inatividade alerta do recém-nascido que está presente na primeira hora de vida é um período sensível, precursor de apego e o primeiro momento da mãe ser sensibilizada pelo seu filho. Esse primeiro momento fora da vida uterina é essencial para

estabelecer contato com os pais. É importante evitar separações desnecessárias entre mãe e filho e reduzir os procedimentos realizados no pós-parto imediato ao estritamente necessário<sup>23</sup> (C).

Ao se analisar os sentimentos de mães diante dos cuidados imediatos prestados ao recém-nascido, foi observado que elas apresentavam preocupação, medo e ansiedade quando esses cuidados eram prestados fora de seu campo de visão. No entanto, o mesmo estudo mostrou que algumas mulheres eram indiferentes ao fato de o recém-nascido ser afastado para realização dos cuidados, pois valorizavam essa forma de assistência intervencionista, em função da preocupação da saúde de seu filho<sup>23</sup> (C).

## Discussão

Com relação ao desejo de ser mãe, os artigos estão de acordo com a literatura psicanalítica que aponta que o desejo de ter um filho é um desejo narcisista, acompanhado de uma dose de imortalidade: ele representa uma promessa de continuidade, pois porta as características dos pais e o nome da família. O filho pode significar para os pais, também, o sucesso na realização dos sonhos que eles mesmos fracassaram. Ele dará continuidade à árdua busca pela onipotência, será o realizador de todos os desejos dos pais. Freud afirma que os pais são capazes de suspender, em favor da criança, o funcionamento de todas as aquisições culturais que seu próprio narcisismo foi forçado a respeitar e a renovar em nome delas as reivindicações aos privilégios de que eles próprios abandonaram<sup>1</sup> (D).

Há concordância na literatura que o vínculo entre mãe e filho começa a ser construído antes mesmo da concepção. Porém, é durante a gravidez que ele vai crescendo e se concretizando. A gravidez implica em grandes mudanças e as consequências destas dependem da interação de diversos fatores: a história pessoal e familiar da gestante; o contexto da gravidez (se ocorreu dentro ou fora de um vínculo estável, se foi planejada e desejada, se a gestante é adolescente, se há histórico de aborto ou óbito fetal, etc.); as características de evolução da gravidez (se é de baixo ou alto risco); o contexto sócio-econômico; e o contexto assistencial de saúde<sup>24</sup> (D). Esses fatores influenciarão também o comportamento parental de vínculo com o bebê. Nos artigos selecionados, encontraram-se alguns estudos que apontaram a importância da rede de apoio e da estabilidade financeira para promoção do vínculo entre mãe e bebê.

A análise dos artigos aponta que é comum a ambivalência de sentimentos durante a gravidez: alegria, tristeza, temores, ansiedades. Os sentimentos vão se alterando de acordo com as mudanças dos períodos gestacionais. Apontou-se também que o parto, assim como a gravidez, é uma experiência importante na vida da mulher. O parto se constitui como um momento crítico, pois é sentido como uma situação de passagem de um estado para outro, cuja

principal característica é a irreversibilidade, ou seja, é uma situação que precisa ser enfrentada de qualquer forma. Diferentemente da gravidez, cuja evolução é lenta, o parto é um processo abrupto que introduz mudanças intensas<sup>24</sup> (D).

Nessa revisão, foi observado que a forma como o neonato vem ao mundo é considerada importante, apontando a assistência humanizada ao parto como fator de promoção ao vínculo entre mãe e bebê. O período do pós-parto foi apontado como um momento crítico para o desenvolvimento do vínculo mãe-bebê, enfatizando a importância do contato precoce e a diminuição das intervenções desnecessárias nesse período logo após o nascimento.

O nascimento de um bebê é um evento que muda toda a rotina familiar, especialmente da mulher, que é quem geralmente assume a maior parte dos cuidados com o filho. Stern<sup>25</sup> (D) denominou essa modificação e reorganização da vida após o nascimento do bebê como constelação da maternidade. Nesse momento, a mãe é capaz de envolver-se emocionalmente com o bebê para promover seu desenvolvimento psíquico. A mãe precisa transformar e reorganizar sua identidade para se dedicar ao bebê. Stern enfatiza a importância da rede de apoio nesse período, a qual deve proteger a mãe fisicamente e apoiá-la psicologicamente para que ela possa se dedicar ao bebê. Segundo Maldonado<sup>24</sup> (D), quando a mãe está cercada de pessoas que a ajudam e a apoiam, os sentimentos maternos de autoconfiança e realização pessoal tendem a aumentar, assim como a disposição de dar afeto ao bebê.

## Considerações finais

Neste estudo, buscou-se fundamentar as reflexões sobre o vínculo entre mãe e bebê por meio da análise de estudos empíricos com diferentes métodos e níveis de evidência científica.

Os resultados apontam questões importantes como a assistência humanizada, o contato precoce entre mãe e bebê, a rede de apoio social e a estabilidade financeira como fatores de promoção do vínculo mãe-bebê. O processo de humanização do nascimento e da assistência ao parto tem como objetivo humanizar o processo de nascimento e expressa uma mudança da compreensão do parto como experiência humana. O que ocorre precocemente durante o período do pós-parto pode ajudar, imensamente, no desenvolvimento de um vínculo dos pais com o bebê.

Nesse sentido, tais questões fornecem aspectos teóricos e práticos para os profissionais que atuam no campo da saúde da mulher e da primeira infância, contribuindo para reflexões nessa área. Considera-se que os resultados dos estudos apontados nesse trabalho possam contribuir para repensar medidas intervencionistas que separam mãe e filho no pós-parto imediato, visto que esse primeiro contato é crucial para o desenvolvimento do vínculo entre eles.

## Leituras suplementares

1. Freud S. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago. 1996
2. Zimmerman D. Os quatro vínculos: amor, ódio, conhecimento, reconhecimento na psicanálise e em nossas vidas. Porto Alegre: Artmed, 2010.
3. Winnicott DW. A criança e seu mundo. 6ed. Rio de Janeiro: LTC. 2008.
4. Brisac JNW, Perin SH, Quayle J. Representação da relação mãe-bebê através do procedimento desenho-estória em gestantes adolescentes e tardias. *Mudanças*. 2011;19(1-2):69-77.
5. Piccinini CA, Gomes AG, Moreira LE, Lopes RS. Expectativas e sentimentos da gestante em relação ao seu bebê. *Psicol Teor Pesqui*. 2004;20(3):223-32.
6. Piccinini CA, Gomes AG; Lopes RS, De Nardi T. Gestação e a constituição da maternidade. *Psicol Estud*. 2008;13(1):63-72.
7. Rapoport A, Piccinini CA. Maternidade e situações estressantes no primeiro ano de vida do bebê. *Psico-USF*. 2011;16(2):215-25.
8. Barbosa FA, Machado LFV, Souza LV, Scorsolini-Comin F. Significados do cuidado materno em mães de crianças pequenas. *Barbaroi*, 2010;33:28-49.
9. Rosa R, Martins FE, Gasperi BL, Monticelli M, Siebert ERC, Martins NM. Mãe e filho: os primeiros laços de aproximação. *Esc Anna Nery*. 2010;14(1):105-12.
10. Thomaz ACP, Lima MRT, Tavares CHF, Oliveira C. Relações afetivas entre mães e recém-nascidos a termo e pré-termo: variáveis sociais e perinatais. *Estud Psicol*. 2005;10(1):139-46.
11. Rapoport A, Piccinini CA. Apoio social e experiência da maternidade. *Rev Bras Crescimento Desenvolv Hum*. 2006;16(1):85-96 .
12. Pedro ENR, Botene DZA, Motta MGC, Ribeiro NRR, Lima AAA. O desenvolvimento do apego da mãe adolescente e seu bebê. *Online Braz J Nurs*. 2007;6(2).
13. Piccinini CA, Marin AH, Alvarenga P, Lopes RCS, Tudge JR. Resp onividade materna em famílias de mães solteiras e famílias nucleares no terceiro mês de vida da criança. *Estud Psicol*, 2007;12(2):109-17.
14. Tomeleri KR, Marcon SS. Mãe adolescente cuidando do filho na primeira semana de vida. *Rev Bras Enferm*. 2009;62(3):355-361.
15. Flores MR, Souza APR, Moraes AB, Beltrami AB. Associação entre indicadores de risco ao desenvolvimento infantil e estado emocional materno. *Rev CEFAC*. 2013;15(2):348-60.
16. Fonseca VR, Silva GA, Otta E. Relação entre depressão pós-parto e disponibilidade emocional materna. *Cad Saúde Pública*. 2010;26(4):738-46.
17. Bergamaschi SFF, Praça NS. Vivência da puérpera-adolescente no cuidado do recém-nascido, no domicílio. *Rev Esc. Enferm USP*. 2008;42(3):454-60.
18. Sampaio MA, Falbo AR, Camarotti MC, Vasconcelos MGL, Echeverria A, Lima G, et al. Psicodinâmica interativa mãe-criança e desmame. *Psicol Teor Pesqui*. 2010;26(4):613-21.
19. Povedano MCA, Noto ISBS, Pinheiro MSB, Guinsburg R. Expectativas e percepções da mãe quanto ao seu recém-nascido: aplicação do inventário de percepção neonatal de Broussard. *Rev Paul Pediatr*. 2011;29(2):239-44.
20. Lopes RCS, Alfaya C, Machado CV, Piccinini CA. "No início eu saía com o coração partido...": as primeiras situações de separação mãe-bebê. *Rev Bras Crescimento Desenvolv Hum*. 2005;15(3):26-35
21. Reis AT, Santos RS. Maternagem ao recém-nascido cirúrgico: bases para a assistência de enfermagem. *Rev Bras Enferm*. 2013;66(1):110-5.
22. Molina RCM, Marcon SS. Benefícios da permanência de participação da mãe no cuidado ao filho hospitalizado. *Rev Esc Enferm USP*. 2009;43(4):856-64.
23. Cruz DCS, Suman NS, Spindo T. Os cuidados imediatos prestados ao recém-nascido e a promoção do vínculo mãe-bebê. *Rev Esc Enferm USP*. 2007;41(4):690-697.
24. Maldonado MT. Psicologia da gravidez, parto e puerério. Petrópolis: Vozes, 1985.
25. Stern D. A constelação da maternidade. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997.